

GÁLATAS

Destinatário

A Galácia era uma região na Ásia Menor, compreendendo diversas cidades. Paulo visitou esses lugares durante sua primeira viagem missionária, como Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. Existe uma dúvida entre os estudiosos sobre quando a carta foi escrita. Alguns defendem que Paulo a escreveu a carta durante a segunda viagem, enquanto estava em Corinto.

Parece-nos, no entanto, mais plausível considerar que ele a escreveu antes da sua segunda viagem, antes do Concílio de Jerusalém (Atos 15). A favor deste argumento está o fato de que o Concílio tratou precisamente da situação dos gentios que abraçavam a fé cristã e a postura da Igreja em relação aos ritos da lei. Seria estranho que Paulo não mencionasse as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros, se o assunto da carta era justamente esse.

Contexto Histórico

Mestres judaizantes começaram a perverter a simplicidade do Evangelho da graça, exigindo que os cristãos voltassem a praticar os ritos do judaísmo. Esta tendência perigosa ameaçava a paz e a liberdade dos novos cristãos, além de ser um acréscimo maldito à obra de Cristo. Eles propunham a salvação pela fé em Cristo mais a observância da Lei de Moisés. Esta falsa doutrina (presente até hoje em algumas seitas ditas cristãs, como o Adventismo do Sétimo Dia e o Judaísmo Messiânico) foi duramente rechaçada por Paulo nesta carta.

Esboço da carta

CAP	EVENTO
1	A defesa do Evangelho e do apostolado
2	A autoridade apostólica de Paulo confirmada entre os demais apóstolos
3	A explicação do Evangelho
4	A Lei versus o Evangelho: herdeiros e escravos
5:1-12	A liberdade do Evangelho da graça
5:13-26	As obras da carne e o fruto do Espírito
6	Vida prática mediada pela graça

Conteúdo

1. A defesa do Evangelho e do apostolado – capítulo 1

Paulo introduz sua carta expondo claramente o motivo porque a escreveu. Não havia motivos para tão depressa aqueles crentes começarem a dar ouvidos aos ventos de doutrinas trazidos pelos judaizantes. Era “*outro*” evangelho que, como tal, devia ser tratado como maldito (v.8). Era uma perversão da graça e do conteúdo simples da mensagem que Paulo havia pregado ali pouco tempo antes. Não há espaço para mais de um evangelho no Cristianismo.

A defesa que o apóstolo faz do seu chamado não é uma questão de autoafirmação, mas a declaração inequívoca da autenticação e da validade da mensagem que ele anunciava. Paulo não recebeu de um homem ou de um grupo de religiosos a autorização e o conteúdo do Evangelho, mas recebeu-os do próprio Cristo ressuscitado (v.12). Antes de sair pregando, Paulo teve muito tempo para preparar-se e para desenvolver convicções profundas de que Jesus é o Cristo de quem os profetas tão bem conhecidos dos judeus falavam. (v.13-24). Seu zelo judaico foi imediatamente transferido para sua missão entre os gentios. Não havia o que negociar em relação a isso tudo. Seus ex-companheiros de judaísmo estavam equivocados em tentar retomar às antigas tradições da lei.

2. A autoridade apostólica de Paulo confirmada entre os demais apóstolos – capítulo 2

Os episódios relatados neste capítulo apontam para o que aconteceu em Atos 11, quando a igreja primitiva ainda se debatia com a dificuldade de abandonar definitivamente as práticas judaicas e, ainda mais, aceitar o ingresso dos gentios como membros da família cristã. Houve intensas conversas, que culminaram anos mais tarde com um concílio em Jerusalém, do qual participaram os apóstolos e presbíteros daquela localidade. Ensejou uma reprimenda pública de Paulo a Pedro (v.11-14), que finalmente, após a visão recebida na casa de Simão o curtidor (Atos 10:9-22; 11:1-18) se convenceu de que *“também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida”*.

A menção de Paulo a estes acontecimentos acontece para mostrar aos gálatas que ele não agia independentemente, mas que tinha sido usado por Deus para convencer aos demais apóstolos de que seu ministério entre os gentios era tão importante e válido como o de Pedro entre os judeus (v.8). Este era o plano de Deus e a igreja deveria aceitar e se dedicar alegremente a ele.

Portanto, não havia nenhum motivo para que os gálatas se submetessem aos judaizantes que *“se entremeteram com o fim de espreitar a liberdade que tinham em Cristo”* (v.4). Eles não tinham autoridade nem respaldo para isso (v.5)

3. A explicação do Evangelho – capítulo 3

O autor passa, então, a explicar novamente os fundamentos do Evangelho. A fé no sacrifício de Cristo é a única maneira de termos acesso ao Espírito Santo (v.1-8). As obras da lei não podem justificar (v.10-29) – o mesmo argumento apresentado magistralmente na carta aos Romanos. Cristo nos resgata da maldição da lei, isto é, da condenação dos nossos pecados, porque ninguém jamais conseguiu cumprir a lei na sua íntegra.

Paulo usa a promessa dada a Abraão, de que por sua fé os gentios seriam abençoados (v.9), para mostrar que a lei, dada 430 anos depois dele, não foi a verdadeira fonte da bênção para os gentios. A bênção já estava garantida em função da fé que Abraão demonstrou em Deus. A Lei foi dada para demonstrar que o homem estava debaixo do pecado, do qual só poderia sair quando a promessa fosse cumprida, isto é, quando Jesus Cristo viesse para morrer pelos pecadores (v.22-27). A lei, dessa maneira, nos conduz a Cristo, porque Ele nos dá o caminho para sermos livres da maldição da lei, ao morrer por nós e assumir o nosso lugar (v.13).

4. A Lei versus o Evangelho: herdeiros e escravos – capítulo 4

A metáfora agora é a de um menino que ainda não tem idade para tomar posse da herança do pai falecido. Ele e a herança ficam sob os cuidados de um tutor (v.1-2). Embora tenha direito determinado pelo testamento, ainda não está legalmente preparado para entrar na administração dos bens. Uma vez que atinge a maioridade, viver sob a guarda de tutores não faz mais o menor sentido. Este menino é o ser humano durante a vigência da Lei. A promessa para a qual a Lei

aponta só pode ser apropriada por aqueles que creem depois que Cristo Jesus nasce debaixo da lei e cumpre as suas exigências todas (v.3-5). Uma vez tendo vindo Jesus, guardar a lei e viver sob a sua tutoria não tem mais nenhum cabimento (v.8-11).

Mais ainda, Paulo aponta para a alegoria de Hagar e Sara, com quem Abraão teve dois filhos, Isaque e Ismael, respectivamente. Hagar não era esposa de Abraão, mas uma escrava. Segundo a interpretação do apóstolo³, inspirada pelo Espírito Santo, Hagar representa a Lei, dada no Monte Sinai a Israel (v.24-25); Sara representa a graça, dada no Monte Calvário à Igreja (v.26-31). Não somos, portanto, sujeitos ao cumprimento dos cerimoniais e preceitos da Lei, mas vivemos na liberdade da graça, verdade que será desenvolvida no capítulo seguinte.

5. A liberdade do Evangelho da graça – capítulo 5:1-12

Os falsos mestres judeus começaram a disseminar entre as igrejas um falso evangelho, que pregava uma mistura entre as verdades do Cristianismo e um retorno às práticas do judaísmo. Eles queriam que os gentios passassem pelo ritual da circuncisão, que voltassem a guardar dias sagrados, que não comessem determinados alimentos, que confiassem na observação da lei para complementarem, de alguma maneira, a obra de salvação realizada por Cristo Jesus.

Paulo rechaça veementemente esta posição. Ele chama isso de “jugo de escravidão” (v.1), “de fermento que leveda a massa” (v.9) e “perturbação” (v.10). Neste capítulo, a carta aos Gálatas ao seu ápice: retornar aos rudimentos da lei e voltar à sua observação ritualista é nada menos do que uma escravidão. A obra de Cristo é suficiente e não deve ser colocada ao lado de mais absolutamente nada para garantir a salvação. Voltar a exigir o cumprimento da Lei em nosso tempo é um retrocesso, é “*decair da graça*”, ou seja, tentar obter por méritos e obras uma salvação que aqueles que creram já obtiveram pela fé em Cristo.

Até hoje existem seitas misturadas ao Cristianismo que carregam a mesma proposta. Os Sabatistas, por exemplo, são uma das versões modernas dos judaizantes dos tempos de Paulo. Para eles, a salvação é pela fé em Jesus MAIS o cumprimento da lei, como a guarda do sábado. Esta é uma perigosa heresia, que a carta aos Gálatas claramente condena. Não podemos nos deixar levar pela onda da boa música ou do discurso parecido com o do verdadeiro Evangelho da graça de Deus. Como disse o apóstolo, “outro Evangelho” seja anátema!

6. O uso correto da liberdade cristã – capítulo 5:13-26

Depois de defender ferrenhamente a nossa liberdade em Cristo, o apóstolo Paulo segue expondo que esta mesma liberdade não pode ser usada como desculpa para uma vida sem limites e sem regras. A vida cristã não é um espaço para se viver de qualquer jeito. Vida sem regras não é liberdade, mas é outro tipo de escravidão. “Dar lugar à carne” (v.13) não nos leva a maior liberdade do que já temos em Cristo Jesus.

O segredo para a vida plena é o viver no Espírito, em contraposição ao viver na carne (v.16-26). Há uma guerra entre a velha e a nova natureza. Elas convivem, mas são antagônicas (v.17). A vida espiritual e a nova natureza querem agradar a Deus e fazer a Sua vontade, mas elas encontram a resistência da velha natureza carnal, aquela que se opõe a Deus e à Sua vontade. A Lei existia para deixar claro ao homem que sua tendência é pecaminosa e que naturalmente ele se inclina ao pecado. Por isso, “*as obras da carne são conhecidas*” (v.19). Todo ser humano tem o potencial natural de gerá-las.

³ A chamada interpretação alegórica, onde elementos de uma narrativa representam alguma verdade espiritual, deve ser usada atualmente somente quando o Novo Testamento claramente assim declara. Não se deve alegorizar toda a interpretação bíblica, sob pena de perdermos completamente a referência hermenêutica. Nem tudo nas Escrituras é passível de alegorização.

O que não é natural é produzir o fruto do Espírito (v.22-23). A operação do poder do Espírito em nossa vida, na medida em que alimentamos nossa nova natureza com a força que Ele nos supre, é que nos capacita a viver de maneira contrária às nossas tendências carnis.

Este capítulo é clássico e indispensável no ensino da santificação prática. Nós somos salvos para vivermos libertos do poder do pecado e de suas consequências. Temos o poder do Espírito Santo à nossa disposição. Cabe, no entanto, a cada um de nós a decisão de “vivermos no Espírito” (v.25), o que implica na dedicação de nossas vidas ao Senhorio de Cristo. Somente assim produziremos o fruto que a graça de Deus espera de nós.

7. Vida prática mediada pela graça – capítulo 6

Finalizando sua epístola, Paulo aplica o conceito do viver no Espírito a algumas situações da vida prática. Todo ensino paulino parte de um conceito doutrinário profundo para terminar uma aplicação diária. Nada do que Paulo escrevia ou pregava servia para mera especulação filosófica ou teológica. O objetivo era sempre demonstrar como tudo aquilo que fora ensinado tinha uma conexão imediata com o dia-a-dia de todo verdadeiro cristão.

Assim, o apóstolo conclui instruindo sobre como tratar aqueles que pecam no contexto da igreja local (v.1-5). São princípios valiosíssimos, que farão sempre muita diferença quando aplicados em nossas comunidades.

- a. Devemos corrigir aqueles que pecam
- b. Nunca devemos nos julgar superiores ao que pecam
- c. Precisamos vigiar para que nós mesmos não caiamos em pecado
- d. Devemos suportar (dar suporte) aos que estão fracos para que se recuperem
- e. Devemos assumir responsabilidade por nossas vidas

A seguir, no mesmo contexto da vida em comunidade e do cuidado que devemos ter uns pelos outros, Paulo enuncia princípios de mordomia financeira.

- a. Devemos nos responsabilizar pelo sustento financeiro dos que nos ensinam a Palavra (v.6)
- b. A lei da sementeira e colheita se aplica à área das nossas contribuições para o Reino de Deus (v.7): quanto mais semeamos, mais colheremos
- c. Somos responsáveis diante de Deus pelo uso que fazemos das nossas finanças (v.8)
- d. Precisamos aprender a usar nossas riquezas com generosidade, de modo que não haja necessitados em nossa comunidade e ao redor de nós (v.9-10)

Encerramento

O apóstolo, possivelmente padecendo alguma enfermidade na sua vista (v.11; 4:15) reafirma sua posição de servir a Deus à sombra da cruz de Cristo. Seu único motivo de alegria e glória era se identificar com Seu Senhor e Mestre, que tinha dado sua vida por ele. Paulo estava disposto a ir às últimas consequências por causa de sua fé em Cristo. Ele não abriria mão de anunciar o Evangelho da cruz, ainda que isso se tornasse aos olhos dos religiosos e teólogos de seu tempo algo obsoleto e disfuncional (v.12-14).

Como resultado disso, Paulo “trazia do corpo as marcas de Jesus” (v.17). Depois de alguns “anos de estrada”, acompanhados de perseguições e castigos físicos (principalmente por parte de seus patrícios judeus) ele tinha cicatrizes permanentes, fazendo dele um registro ambulante de

abnegação e luta pela verdade. Ele não era um teórico, assentado em um confortável escritório refrigerado, emitindo opiniões e discutindo picuinhas. Ele era um homem inteiramente dedicado à causa do Evangelho. Sua história de vida confirmava a autoridade apostólica que Deus lhe tinha dado. Ele tinha sido fiel ao seu chamado e não abria mão dele em nenhuma circunstância.

Gálatas é, portanto, uma carta escrita por alguém que recebeu, que conheceu e que viveu o Evangelho de Cristo.

Sua mensagem é mais do que oportuna, porque até hoje existem os falsos mestres que se imiscuem no seio da Igreja para perturbar o sossego e a fé daqueles que aceitaram confiar exclusivamente em Jesus Cristo para a sua salvação eterna.